

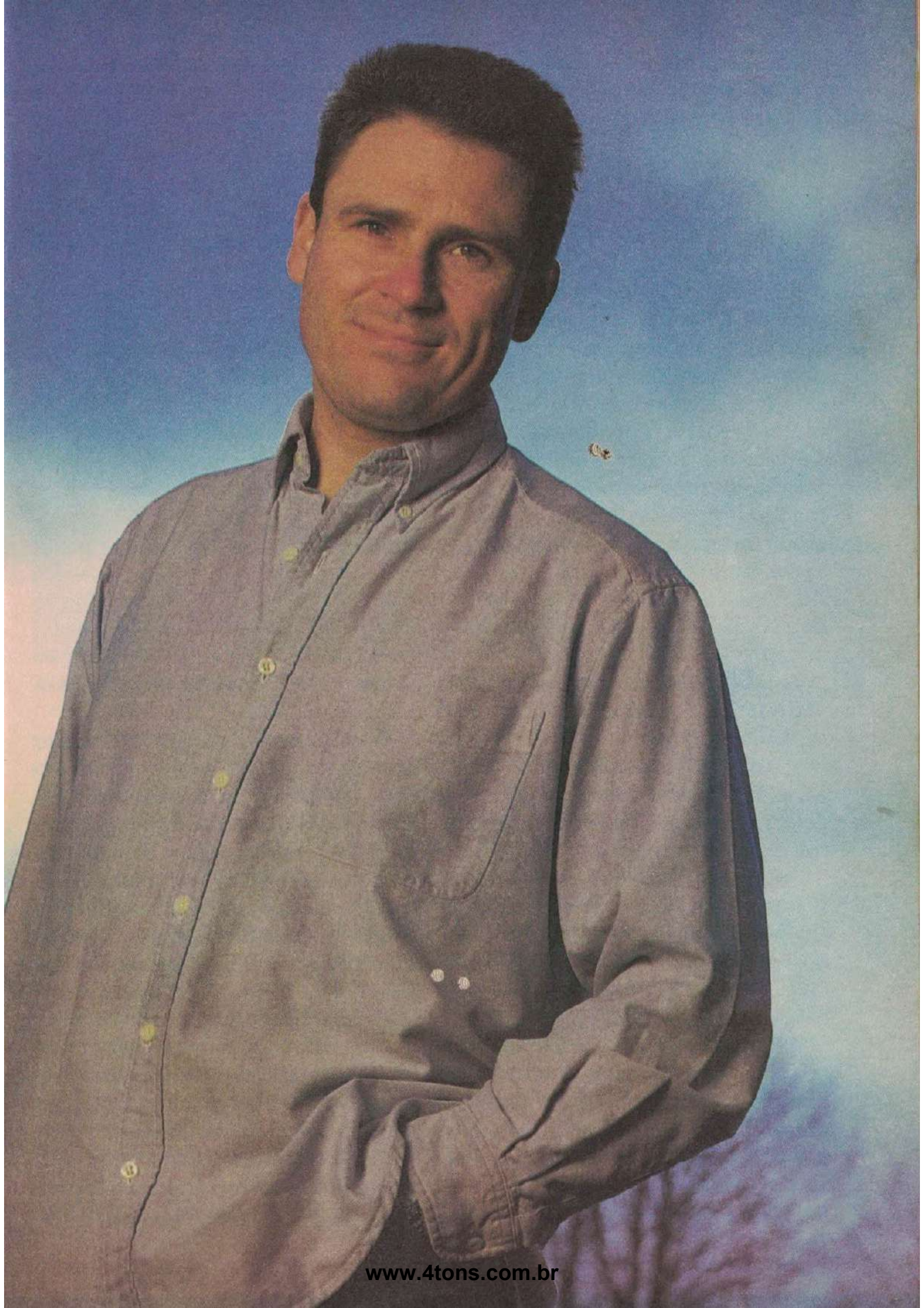
Um passo além

CHEGAMOS ao local ao anoitecer, uma área minada isolada no norte de Moçambique. Converso a sós com o líder da equipe:

– Saul, por favor, conte-me exatamente o que aconteceu.

Percebo, por seus olhos arregalados, que Saul, recrutado do Exército de Moçambique e treinado em Sandhurst, revive o pesadelo daquele dia.

POR CHRIS MOON



A

H, SENHOR — ele respira fundo —, foi terrível! O Sr. Orlando encontrou três PMNs [minas russas de modelo antigo] em sua pista e eu as destruí, sem problema. Depois ele gritou para o número dois que tinha encontrado outra mina e ia cutucar a terra em volta dela. — Saul emudece. É como se, pela primeira vez, ele se desse conta da força brutal daquele mecanismo simples, do tamanho de uma latinha de balas. — Houve um clarão e uma explosão muito forte, e ele foi jogado para trás. Ficou muito ferido. — Saul estremece. — Ele murmurou algo sobre o que estava ao lado. Outra mina, uma armadilha.

Seus olhos estão cheios de medo.

Contemplo a noite africana e tomo uma decisão:

— Amanhã de manhã vou investigar o fim da pista de segurança antes de permitir que os sapadores mineiros voltem ao trabalho.

É O DIA 7 DE MARÇO de 1995. Estou em Moçambique há cerca de dois meses com a Halo Trust, uma ONG britânica especializada na limpeza de áreas minadas.

A maior parte do campo minado já foi limpa. Estacas pintadas de branco marcam as pistas de segurança. O setor minado fica evidente por causa dos arbustos e do capim alto e espesso.

O sol vai alto no céu quando enfio a cabeça entre as duas tiras de elástico que prendem o avental azul de kevlar coberto de lona e prendo o cinto de velcro. Puxo para baixo a aba do avental que protege a virilha e pego o detector de metais com a mão direita. Recordo a expressão nos olhos de Saul.

Aquelas minas foram plantadas pelos soldados do governo para se protegerem dos rebeldes da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo). Usavam sobretudo as PMNs russas, com 240 gramas de TNT, o suficiente para destroçar toda a parte inferior da perna. A outra mina encontrada ali é a 969 portuguesa, que contém 80 gramas de explosivo destinado a mutilar um pé, o que quase sempre leva à amputação abaixo do joelho. Oito aldeões tiveram mortes lentas e estúpidas.

Avanço para a pista de um metro de largura, abaixo o visor e passo o detector sobre a terra esturricada, de um castanho avermelhado. No fim da pista examino o local da explosão que atingiu Orlando. O buraco tem uns 35 centímetros de profundidade, e tudo foi destruído num raio aproximado de um metro. Passo o detector ao redor da borda da cavidade, cutuco de leve e peneiro a terra.

O trabalho ocupa quase toda a manhã. Acho fragmentos da mina que Orlando disse ter encontrado, além de pedacinhos de plástico verde.

Talvez houvesse duas minas ali. Ao tentar localizar a primeira, pro-



Morte à espreita – A desativação de minas no norte de Moçambique.

vavelmente Orlando acionara a segunda. Isso explicaria a detonação e a gravidade de seus ferimentos. Mas ainda estou nervoso. Sinto que há algo errado.

É hora de fazer um intervalo. Viro-me e sigo com cuidado pela pista de segurança até a sombra precária de uma palmeira. No chão, perto de meus pés, há uma crosta marrom. Deve ser o sangue de Orlando. Penso na agonia dele, sentindo-o escorrer de seu corpo. Da base informaram-me pelo rádio que Orlando morreu há algumas horas.

Viro-me para continuar, e é então que tenho a sensação. No calor escaldante do dia africano, sinto frio.

Os pêlos de minha nuca se eriçam. Sinto um medo repentino. Sei que não devo permanecer ali. Começo a voltar pela pista de segurança.

Três passos – e o estrondo mais forte que jamais ouvi.

O RUÍDO DA EXPLOÇÃO ainda soa em meus ouvidos. Deve ter sido uma mina. Estou deitado de bruços. Viro o corpo com cuidado e me sento. Minha mão está mutilada e sangrando; parece uma amora esmagada.

A parte inferior da perna desapareceu completamente. O pé sumiu. Só restou uma ponta de osso estilhaçado rodeada de carne rósea dilacerada.

Fico espantado ao ver que meu

osso é tão amarelo. Sempre pensei que fosse branco.

Raízes

NETHERHAMPTON é uma pequena aldeia no sul de Wiltshire, Inglaterra. Nasci lá no dia 5 de maio de 1962, em nossa casa de fazenda de telhado de ardósia. Meu pai trabalhava numa empresa que fornecia sementes e fertilizantes agrícolas. Minha mãe dirigia o grupo das bandeirantes e trabalhava como secretária e contadora.

Eu estava com 6 anos quando nos mudamos para Coombe Bissett, ali perto. Todas as manhãs, antes da escola, via o fazendeiro nosso vizinho alimentar o gado.

Ainda na escola primária, em Salisbury, comecei a pensar no que pretendia fazer da vida. Nas férias de verão, aos 14 anos, encontrei meu lugar. Costumava ir de bicicleta até a fazenda de Roger, amigo de meu pai. Ele cultivava trigo, e percorríamos os campos arrancando as plantas defeituosas, que eram de espécie diferente e podiam contaminar a geração seguinte. Durante a colheita, eu operava o equipamento de limpeza dos grãos e ajudava a empilhar os fardos de palha. Em 1982, Roger vendeu a fazenda e se mudou para North Devon. Quando terminei a escola, passei a trabalhar lá em horário integral. Ele sempre me ensinou a olhar para além da ponta de meu nariz, e eu pensava muito sobre a economia da

lavoura. Nunca imaginara trabalhar em outro ramo, mas a superprodução, a desfavorável relação custo/preço e minha falta de capital estavam contra mim. Comecei a pensar em ingressar no Exército.

Em 1986, depois da Real Academia Militar em Sandhurst, entrei para a Polícia Militar. No entanto, ao ver a derrubada do Muro de Berlim e a melhoria das relações com o bloco soviético, e ao ouvir falar de cortes maciços de pessoal, comecei a questionar se haveria um futuro a longo prazo nas Forças Armadas. Relutante, resolvi deixar o Exército.

Consegui um emprego numa instituição financeira, mas um dia percebi que ainda desejava um desafio. Os únicos momentos em que me sentia feliz aconteciam na hora do almoço, quando eu fugia para dar uma corrida. Comecei a pensar em abandonar tudo e me dedicar a obras de caridade, mas minha experiência agrícola e militar me tornava apto a trabalhar na desativação de minas.

Em princípios de 1993, eu estava com a Halo Trust no Camboja, limpando os resíduos de duas décadas de uma sangrenta guerra civil, quando as minas eram plantadas indiscriminadamente. Nosso local de trabalho era a aldeia de Chnang, último posto avançado antes do território do Khmer Vermelho – a vasta floresta ao longo da fronteira entre a Tailândia e o Camboja.

Apesar da garantia de que a zona era patrulhada regularmente e era

segura, em junho dois colegas cambojanos e eu caímos numa emboscada de soldados do Khmer Vermelho. Passamos três dias apavorantes como prisioneiros, impotentes, temendo que nos matassem a qualquer momento. Afinal conseguimos fugir, caminhando pela floresta durante horas.

De volta à base, lutei para me recompor. Eu compreendia que, embora tivesse perdido a liberdade apenas por alguns dias, precisava recuperar meu senso de controle. Só quando corria é que me sentia livre de verdade. Se você não toma cuidado, pode ficar prisioneiro para sempre.

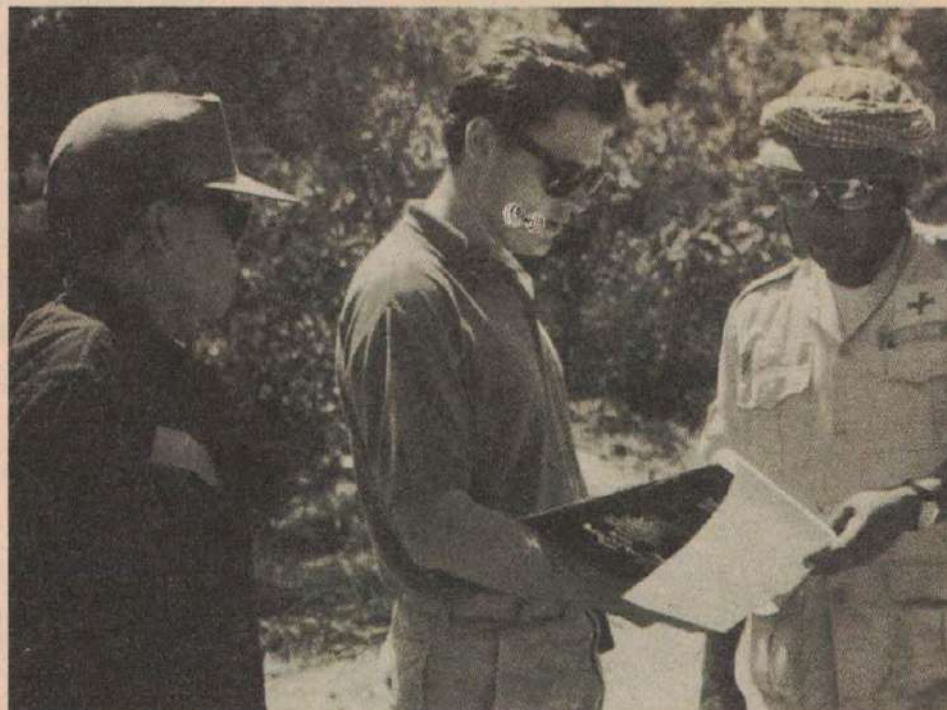
Enquanto os dias se transformavam em meses, eu mergulhava no trabalho. O tempo se media por pequenas realizações, tais como “limpar” uma aldeia ou repatriar alguns refugiados. Até que, no fim de 1994, recebi ordens de ir para Moçambique.

‘Fui atingido!’

EM MEIO à ardência e à dor, tento me concentrar. Terei sorte se conseguir sair vivo deste campo minado em Moçambique. Vou lutar contra a dor, procurar não perder o controle. A

prioridade é me certificar de que ninguém mais seja ferido. O passo seguinte são primeiros socorros e evacuação.

– Fui atingido! – grito para meu companheiro. – A parte inferior da perna direita foi destruída e a mão direita está muito ferida. Ligue o rá-



Cooperação local – Chris pede conselhos aos colegas cambojanos.

dio e veja se o helicóptero da Usaid pode fazer a evacuação de um ferido. Somente os dois paramédicos devem entrar com a maca na pista de segurança!

Curvo-me para a frente e levanto a perna direita a fim de manter o coto mutilado acima da terra. Apoian-do-me nos cotovelos e puxando com a perna esquerda, consigo arrastar-me e percorrer a distância de cerca de um metro até o local da explosão. Preciso saber que tipo de mina causou meus ferimentos.

Com os dedos peneiro o solo poeirento do buraco e não encontro fragmentos óbvios de uma PMN. Deve ter sido outro tipo de mina, talvez uma 969, que tem menos metal e por isso é mais difícil de ser encontrada.

Tenho de me colocar na posição mais segura para os paramédicos me carregarem. Arrasto-me de volta e me deito na grama aparada da pista de segurança.



Pequena mas mortal – Uma mina PMN, fabricada na Rússia.

Ouçõ um gemido de choque, atrás de mim. O paramédico olha com espanto para o coto de minha perna. Imagino que outros ferimentos terei. Eu usava um colete e o protetor para os olhos. Pelo menos posso ver, e percebo que não tenho ferimentos abdominais.

Sinto-me como que pegando fogo. Estou morrendo. Neste momen-

to tenho de rezar. “Deus me ajude”, murmuro.

Ser destroçado numa pista limpa é inacreditável. Como pode ter acontecido? Por que eu? Mas esta é a atitude do verdadeiro perdedor. Eu escolhi estar ali!

Os paramédicos colocam-me cuidadosamente na maca. Sam, o oficial de operações moçambicano, vem correndo pela pista.

– Consegui falar com o helicóptero. Por sorte estava por perto.

Eles me levantam e correm. Vejo um helicóptero reluzente, amarelo, preto e branco, incompatível no meio das árvores e do capim alto africanos.

– Não se preocupe, já vamos chegar – diz o piloto.

O fogo em minha garganta se espalha pelo peito. Olho para Sam.

– Diga ao paramédico para enfiar dois tubos em meus braços e injetar o soro de Ringer o mais depressa que puder. Não quero morrer por falta de hidratação.

Quando começamos a subir acima das árvores, o paramédico espeta as agulhas em meus braços e abre o soro. Espere! Não sei se ele primeiro deixou o soro correr pelos tubos. Caso contrário, o ar dentro deles provavelmente me matará. Sento-me e tento explicar, mas, quando falo, nada acontece. Minha voz não sai. Aponto. Ele me olha com pena e tenta me fazer deitar. Acha que estou delirando.

Ele quer abrir o soro novamente. Só tenho uma opção. Com a mão es-

querda, puxo o tubo da parte interna do meu cotovelo direito. Minha mão direita não funciona, de modo que mordo a ponta de plástico duro da agulha e puxo o braço. Ela sai; afrouxo a mordida e vejo a solução gotejar no meu macacão manchado de sangue.

Tenho de apagar o fogo em minha garganta. O soro de Ringer é isotônico, tem a mesma concentração do sangue. É absorvido quase que de imediato pela parede da garganta. Não tenho ferimentos abdominais, portanto posso beber. É contra todas as orientações médicas, mas sinto que estou morrendo por falta de líquidos.

Levantando a mão esquerda, empurro o frasco para cima e para fora do gancho. Levo a mão à boca e mordo o plástico. O líquido flui. Viro a cabeça para trás e o engulo avidamente.

Preciso de mais. Agarro o outro frasco e mordo. Logo acabo com ele. Sinto-me um pouco melhor, mas continuo com sede. Viro-me para o paramédico, esfrego a barriga com a mão esquerda e faço o sinal de positivo. Ele compreende. Com a tesoura cirúrgica faz um furo numa garrafa de reposição de plasma, passando-a para mim. Levo-a à boca e bebo. Agora já tomei mais de dois litros. Sei que chegarei vivo ao hospital.

O ruído do helicóptero é implacável. A dor piora. Quero gritar. Tenho de lutar contra o pânico.

Começamos a descer. Sento-me. Lá embaixo há uma *van*. Meu com-

panheiro Rupert, ex-pára-queda e médico formado, e Marjolaine, médica da ActionAid, estão perto de mim. Quando me tiram dali, pergunto:

– Vocês acham que vou morrer?

– Não – responde Marjolaine. – Só não vai continuar tão bonitinho quanto era. Vamos estabilizá-lo e depois levá-lo de avião para a África do Sul, assim que possível.

Dias de dor

SR. MOON – chama uma voz. – Sr. Moon, está me ouvindo?

Forço-me a responder, trêmulo:

– Estou.

Parece que meus dedos estão sendo passados num ralador de queijo coberto de ácido e que a palma de minha mão está sendo trabalhada com um cinzel incandescente. Tento movê-la e sinto uma explosão de dor. Estão me esfolando vivo!

– O senhor está no hospital, na África do Sul. Foi ferido numa explosão. Recorda-se?

– Sim. A parte inferior de minha perna foi destroçada.

– Isso mesmo. Sou o cirurgião que trata do senhor e preciso informá-lo de que acabei de amputar sua mão direita dez centímetros acima do pulso. Havia uma possibilidade remota de salvá-la, mas eram poucas as chances de que funcionasse. A cirurgia de reconstrução levaria mais de dois anos e, provavelmente, teria

de ser amputada de qualquer forma depois.

O curioso é que sinto alívio. Ele me contou tudo sem rodeios, e o fato é que ainda estou vivo. É bem melhor enfrentar a verdade de uma vez do que ficar sendo enganado. Já ouvi dizer que as pessoas sentem dores fantasmas nos membros amputados. É por isso que minha mão está doendo.

– Obrigado – respondo. – Quero voltar a trabalhar assim que puder.

A noite é cheia de confusão, dor e sonhos estranhos. Abro os olhos e vejo uma luz cinza-esverdeado. No

em consequência de um ferimento traumatizante, em geral é fatal. A sua era de 2, quando chegou.

A MACA ROLA suavemente sobre os ladrilhos reluzentes do piso. Depois de ter ficado preso na cama, descer pelo corredor é uma verdadeira aventura.

Pela quinta vez precisaram cortar partes infectadas do meu coto. Espero que tenham alcançado o resto da terra lançada em minha perna, pois agora não sobra muito abaixo do joelho.

Já estou internado há dez dias. Quando o pessoal tem tempo, le-

Pela quinta vez precisaram cortar partes infectadas do meu coto.

Centro de Tratamento Intensivo as cortinas permanecem cerradas, para que possam enxergar os monitores cardíacos.

O cirurgião volta, quer saber se sinto dor. Digo que estou meio dolorido, e ele prescreve o uso de uma bomba manual endovenosa que eu próprio posso operar.

Não quero depender dos outros. Depois que tirarem a bomba, não vou tomar analgésicos. Vou ter de fazer meu cérebro vencer a dor fantasma. Pelo que sei, ela poderá me acompanhar o resto da vida.

O médico diz que tive muita sorte por sobreviver a uma perda de sangue tão grande.

– Num homem saudável, a contagem de hemoglobina é de 16. Se ela cai rapidamente para menos de 4,

vam-me na cadeira de rodas para eu respirar ar puro. Minhas roupas estão frouxas no corpo e me sinto fraco. Uma vez, quando tentava passar para a cadeira de rodas, uma enfermeira esguia veio me ajudar e eu avisei: “Cuidado, você pode dar um jeito nas costas.” No entanto, ela me pegou sem esforço e me carregou no colo como a uma criança.

O médico examina o coto e diz:

– Boas notícias. A infecção está controlada e já podemos fechar o ferimento com segurança. Também já falei com o pessoal da fisioterapia. Vão lhe dar muletas. A da direita terá um apoio para o cotovelo, com uma tira de velcro adaptada. Daqui a uma semana, mais ou menos, você vai poder se locomover.

A fisioterapeuta chega com um

enorme embrulho de papel pardo, do qual saem as muletas. Com cuidado, coloco o coto de meu braço no descanso acolchoado, ponho a manga sobre ele e ajusto o velcro. A atadura espessa em volta do braço oferece um pouco de proteção.

Enquanto ela me firma os ombros, começo a andar cautelosamente pelo quarto. Saímos para o corredor.

– Dê passos pequenos – ensina ela.
– Você não pode se arriscar a cair.

Só andamos um pouco e já estou ofegando mais do que uma pessoa muito gorda que acabou de subir as escadas do Empire State.

– Você está sem fôlego porque sua contagem de hemoglobina ainda está baixa. Agora vamos voltar.

Quando me sento na cama, estou banhado em suor. Tenho de reconhecer que foi mais difícil do que eu pensava.

– ESTÁ PRECISANDO de algo? – pergunta meu chefe, ao telefonar do escritório, em Londres.

– Preciso de sapatos. Um tênis, um calçado que não escorregue.

No dia seguinte, Richard, que vai me substituir em Moçambique, vem ao hospital e me presenteia com um par de tênis, um livro e chocolates, com os cumprimentos do chefe.

Ponho o tênis novo. Levo dez minutos para atar os cordões com uma das mãos. Caminho devagar pelo corredor até o saguão e volto.

Calçado, sinto-me muito mais seguro. Vou acelerando aos poucos, e depois tento a velocidade máxima.

De repente, meu pé escorrega e sou lançado para a frente. Rapidamente estico as muletas para me reequilibrar. Meu coração bate como um bumbo. Nem quero pensar no que sentiria se caísse sobre os cotos.

Olhando o saguão, prometo a mim mesmo sair dali sem a ajuda dos outros.

Volto para o quarto e caio na cama. Tendo estabelecido minha primeira meta, estou apavorado de não conseguir alcançá-la.

A verdade é que me sentia menos cansado depois de correr 15 quilômetros antes do acidente do que me sinto agora, só de andar pelo corredor. Estou frustrado e aborrecido, mas devo mesmo é apreciar o que posso fazer e dar graças pelo presente.

Mais tarde nesse dia, o médico aparece e sorri:

– Quando você se internou, pensei que levaria pelo menos seis semanas para se restabelecer. Agora, passaram-se apenas pouco mais de três semanas e já pode ter alta. Sua recuperação foi espantosa, tanto física quanto mental. A próxima etapa é tirar as medidas para os membros artificiais e aprender a usá-los.

Que futuro?

O HOSPITAL Roehampton, centro de reabilitação para feridos desde a 1ª Guerra Mundial, é um complexo de construções pré-fabricadas ligadas por corredores cavernosos. Sou levado a

meu quarto na Unidade de Cirurgia de Membros. Internaram-me no isolamento. A infecção que mais os preocupa é a por MRSA, que impede a cicatrização dos ferimentos e é resistente a todos os antibióticos. Espero não ter isso.

No dia 28 de março de 1995, de manhã cedo, a enfermeira de serviço ajuda a me acomodar. Recomenda que eu abandone as muletas e só use a cadeira de rodas.

– Queremos que a inchação no que restou de sua perna regrida o mais depressa possível, para podermos preparar a prótese.

Procuro pensar no futuro e não na perda de mobilidade a curto prazo.

Quando fico só, procuro ler, mas é cansativo demais. Batem à porta e vejo o rosto barbado e animado de John, meu velho colega dos tempos de escola.

Não somos uma família emotiva, mas sempre fomos unidos.

Eles mostram um álbum de família. Meu pai explica: “Estávamos folheando isto na semana passada e achamos que você gostaria de dar uma olhada.”

Na primeira página há uma foto de nós todos no jardim. Na outra, de Roger e eu na fazenda dele, na época da colheita. Depois venho eu nos primeiros tempos do Exército e meu pelotão fazendo o treinamento de ataque. Em uma foto apareço em trajes esportivos, voltando de minha corrida favorita nas colinas de Wiltshire.

Depois que eles se vão, torno a pensar nas fotos. Dou-me conta de que no momento não posso fazer nenhuma das atividades nelas retratadas. Talvez o melhor fosse ter morrido de uma vez. Afinal, o que é que me resta?

Talvez o melhor fosse ter morrido de uma vez. Afinal, o que é que me resta?

– Olá, magrelo! – diz ele. – Andou fazendo alguma nova dieta revolucionária?

Dou uma risada e brinco:

– Vou chamá-la de Plano Dinamite. “Perca dez quilos numa fração de segundo!”

Depois recebo a visita de minha irmã e meus pais. Meu pai costuma me cumprimentar com uma risada ou uma piada. Desta vez, limita-se a estender a mão esquerda e dizer: “Fiquei triste ao receber a notícia.”

A resposta é simples: o futuro.

Na manhã seguinte, uma mulher que me parece ter perto de 30 anos se apresenta como Maggie, uma das fisioterapeutas. Ela verifica a data de minha última operação.

– Vou ter de consultar o médico e o protético, mas acho que em breve podemos pensar em uma prótese do braço.

– Quanto tempo vai levar?

– De quatro a seis semanas, depois que você sair da quarentena.



Vida despedaçada – No hospital, Chris se recupera dos ferimentos.

Logo que for possível vamos colocá-lo num apoio especial: uma bolsa inflável dentro de uma armação de metal. Ao andar com a perna encaixada nesse apoio, a pressão exercida sobre o coto começará a reduzir a inchação, e assim você vai se acostumando a usar o membro artificial.

Maggie cumpriu a palavra. Preparo-me para dar meu primeiro passo. Coloco o que restou de minha perna na bolsa cinzenta dentro da armação, firmando-a enquanto a bomba de pé faz inflar a bolsa. Maggie diz: “Com as muletas, você pode tentar ficar de pé.”

Devagar, transfiro o peso do corpo para o coto. Não é tão ruim assim. Dou passos curtos, cautelosos, e

aos poucos vou ganhando confiança.

Depois de certo tempo, Maggie me interrompe: “Basta por hoje.”

Eu me sento, esvazio a bolsa e olho para o coto. Ela explica que é preciso observá-lo com muito cuidado nos primeiros dias. Presto atenção a cada palavra. Se eu me machucar, a adaptação vai atrasar. Tudo bem, irei até o meu limite, mas não a ponto de ser contraproducente.

Maggie me apresenta ao protético. Depois de examinar o que restou de meu braço, ele diz: “Vamos fazer o molde inicial e começar o processo.”

Ele aplica o molde e espera que seque. Quando o retira, penso como é estranho ver que falta a minha mão.

Ontem à noite acordei com um

espasmo de dor. Percebi que sentia minha mão, e quase me convenci de que houvera um milagre e ela crescerá de novo.

Naquele momento compreendi como seria fácil viver tentando fingir que o acidente nunca acontecera. Disse a mim mesmo: *Agüente firme, Moon. Acostume-se com isso e não deixe que nada o derrube.*

Boas notícias. Meus exames de MRSA estão todos negativos.

Diariamente tento andar mais um pouco no apoio inflável. Aos sábados, descanso e recarrego as baterias. Estou animado porque vou sair com Huw e Martin, dois amigos do Camboja.

– E então, como vai indo? – Huw pega minha cadeira de rodas e me empurra pelo corredor. – Que tal ir a um *pub* junto do rio, pegar um cinema e depois comer algo? Dá para fazer isso?

– Para mim está ótimo.

Sentamo-nos no jardim de um *pub* à beira do Tâmis. Depois andamos pelas ruas a caminho do cinema. Eles carregam a cadeira para subir e descer os meios-fios em cada cruzamento. Embora as beiras das calçadas sejam rebaixadas, com uma só mão eu não poderia manobrar a cadeira sozinho.

Tentamos vários restaurantes, mas todos têm degraus na entrada. Espero do lado de fora, como um cachorro, enquanto meus amigos imploram aos garçons que me deixem entrar e arranjam uma mesa onde caiba a cadeira de rodas.

Acabamos encontrando um local onde há espaço. Quando chega a comida, Huw tem de cortá-la para mim. Ao fim do jantar, quero me levantar como todo mundo. Começo a abaixar minha perna direita e, de repente, lembro-me. Ainda me parece que está ali – eu a tive durante 30 anos, portanto vai custar um bocado até me acostumar à sua ausência.

De volta ao Roehampton, penso em tudo que fizemos. Eu ficara na total dependência dos outros. Foi uma grande lição de humildade.

Se tudo der certo, estarei livre da cadeira de rodas e usando uma perna artificial dentro de alguns meses. Com planejamento, devo poder me locomover sozinho. E tenho certeza de que poderei dirigir um carro automático. Estou decidido a voltar a ser independente.

Assumindo o controle

JÁ VIU aquele brinquedo em que os prêmios são colocados num grande cilindro de plástico e você tenta agarrá-los com uma pequena grua?

Aprender a usar a garra da prótese é assim. O braço artificial se encaixa no coto. É de um rosa cor-de-carne, tendo numa extremidade uma lingüeta de aço onde se encaixa a garra. Ela é presa por tiras e funciona segundo um simples princípio de alavancas, com um cabo ligado a uma faixa em volta do meu ombro esquerdo. As pinças da garra se

Dirijo confiante pela cidade, com a sensação de ter realizado uma proeza.

abrem quando estico o braço, e grossas faixas de borracha as forçam a fechar-se quando meu corpo relaxa, tirando a tensão do cabo.

Usando toda a concentração possível, agarro um pino cilíndrico vermelho e o encaixo num furo redondo.

– Você pegou o jeito – comenta Alison, a terapeuta ocupacional. – Gostaria de tentar montar algo com um brinquedo de armar?

Passo a hora seguinte construindo um caminhão. Lembro-me da última vez em que usei uma chave de boca. Estávamos fazendo um reconhecimento de terreno perto da fronteira com o Zimbábue e tivemos problemas com nosso veículo. Consegui subir na capota, soltar a roda sobressalente, jogá-la, saltar para o chão, trocar a roda e recolocar o pneu na capota em cerca de cinco minutos. Agora, num brinquedo de criança, estou lutando para apertar dois parafusos ao mesmo tempo.

– Daqui a alguns meses, quando o seu coto tiver cicatrizado, podemos tentar adaptar a mão mio-elétrica – diz Alison. – Funciona com pilhas e os sensores captam os impulsos elétricos das extremidades dos nervos no coto, convertendo-os em movimento.

NUM DOMINGO, depois do café da manhã, assisto à Maratona de Londres pela televisão. Vendo os corre-

dores passar pelas ruas, sei que tenho de correr a maratona, no ano que vem.

Todos os dias examino a cicatriz abaixo do joelho. Dizem que está sarando. John, o protético, já preparou o molde e começou a construir a perna.

Finalmente me deixam passar dois dias em casa. Ian, meu cunhado, vem me buscar. Quando chegamos, vou até o jardim dos fundos. Meu pai fez uma rampa, para eu poder entrar pela porta maior, nos fundos da casa. Quando impulsiono a cadeira para cima, ele vem pelo jardim, dizendo:

– É bom ter você em casa, filho. O que quer fazer hoje?

– Quero dirigir. Ian é corajoso e se ofereceu para me levar.

Ian fez uma adaptação no volante do seu carro que torna mais fácil dirigir com uma só mão. Estou acostumado com esses volantes, porque eles são usados na maioria dos tratores com carregamento dianteiro, a fim de que a outra mão fique livre para manobrar os controles.

Depois de um descanso, saímos. Numa estrada comprida que vai dar numa trilha de cavalos, pratico manobras de três pontos, paradas de emergência e curvas fechadas. Na volta, dirijo confiante pela cidade, com a sensação de ter realizado uma proeza.

Três dias depois faço a primeira prova da perna. Passo uma meia sobre o coto e o coloco no molde de espuma branca. Depois o empurro para dentro da perna artificial e amarro a tira acima do joelho.

Quando me ponho de pé, John verifica se a perna tem o comprimento certo e se meus quadris estão nivelados. Agarro a barra com a mão esquerda e, com cuidado, transfiro o peso para a prótese. Parece estranha, rígida e incômoda. Devagar, dou um passo à frente. Quando o membro está para baixo, sinto o tornozelo e a parte inferior da perna, que não estão mais ali.

Dou passos lentos e curtos. Não entendo por que não tenho a sensação de equilíbrio; afinal, ainda me

resta uma perna. Mas em breve consigo usar duas bengalas e largar as barras. Em vez de cabo, uma das bengalas tem um acessório de metal que se prende no meu braço artificial. O coto começa a doer. Paro e tiramos a perna. Há várias bolhas na cicatriz. Todos passam por isso no princípio. Se eu continuar, o tecido da cicatriz se romperá e terei de esperar que sare.

O meio mais confortável e mais rápido de andar é mancando exageradamente. Dizem-me que é o pior que se pode fazer. Tenho de ir devagar. Os maus hábitos adquiridos nesta fase vão durar para sempre. Sigo ao pé da letra as instruções dos fisioterapeutas, mas o frustrante é que, por mais que me esforce, não consigo



A ANDALUZ LOGISTICA E SERVIÇOS LTDA. E A RODOVIÁRIO RIO JORDÃO LTDA.

SE ORGULHAM DA PARCERIA COM A
Seleções do Reader's Digest
E DESEJAM, EM COMEMORAÇÃO
AOS SEUS 60 ANOS, A PERPETUAÇÃO
DO SUCESSO COM PRODUTOS QUE
INFORMAM, ENRIQUECEM, ENTRETÊM
E INSPIRAM FAMÍLIAS NO
MUNDO INTEIRO!



Rua Guilherme Frota, 214 - Bonsucesso - Rio de Janeiro - RJ
Cep: 21042-750 Tel: (021) 2590-3292 / 2590-8787 - Fax: (021) 2573-5775

www.4tons.com.br

A gente entrega até os parabéns.

Uma homenagem da Transfolha ao aniversário da revista Seleções.

A Transfolha faz mais de 12 milhões de entregas por mês e se orgulha muito de ser parceira da Reader's Digest Brasil. Transfolha. Você vende, a gente entrega. (0xx11) 4199-7240 / 7241 - www.transfolha.com.br



ser perfeito. Dizem que levarei meses para conseguir e, assim mesmo, só se continuar a me exercitar.

– E quanto a correr? – pergunto.

– Em alguns casos, é possível, mas leva tempo. Sem a parte inferior da perna, você precisa de mais 30% de energia para caminhar. Quando você corre, a tensão e a pressão no coto são enormes. E também devem ser considerados os efeitos sobre as costas e outras partes do corpo.

Finalmente chega o dia de minha alta. A papelada diz que é 28 de abril. Consegui! Liberado em menos de dois meses!

De volta a casa faço tudo com calma, repousando e praticando o máximo de exercícios para caminhar.

Ganho mais confiança e chego a ir a Londres visitar amigos.

Afundar ou nadar

COM CUIDADO, ando ao longo dos azulejos canelados na borda da piscina, evitando os trechos molhados. No lado mais fundo há alguns bancos. Achei que aquele seria o melhor lugar para tirar minha prótese da perna. Dali devo poder pular para a borda.

Na primeira vez em que fui à piscina, havia na minha frente uma fila comprida de crianças barulhentas. Primeiro elas se calaram, depois ficaram cochichando e apontando.

Por um segundo, a dor me atordoa e engulo água. Começo a afundar.

Pensei: *Não estou gostando nada disso*, e fui embora.

Preciso fazer exercício. Estou fraco e cansado, e tenho de recuperar minhas forças. Não posso me esconder para sempre.

Dobrando a toalha sobre o coto do braço, faço a longa caminhada. Chegando ao banco, removo a prótese da perna e a meia que protege o coto. À minha direita uma mulher faz sinal de silêncio para a filha, que me olha fascinada.

Arrastando o pé e escorregando, atravesso os azulejos. Quando chego perto da borda, sinto que meu pé

desliza um pouco e resolvo me arrastar pelo metro que falta. Não tinha idéia de que uma pessoa pudesse se sentir mais nua do que nua.

Fico ali sentado, com a perna esquerda pendurada na água, que deve bater bem acima de minha cabeça. Mas quero entrar ali mesmo, na parte funda. Será que ainda sei nadar?

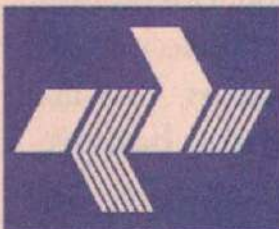
Claro que sei. E, mesmo que não consiga, posso ficar remando no lugar e me manter à tona. Só terei problemas se entrar em pânico.

De repente, percebo que a piscina está em silêncio. Os nadadores me-

AGÊNCIA DO INGÁ

COM ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES

Rua Dr. Paulo Alves, 89 - Ingá - Niterói - RJ



CORREIOS

AGÊNCIA DO BAY MARKET

ATENDIMENTO DE 10h ÀS 22h DE SEGUNDA A SÁBADO

Rua Visconde do Rio Branco, 360 - loja 209
Shopping Bay Market - Centro - Niterói - RJ

e-mail: paper@ccard.com.br - Tel: 2620-8202

ALÉM DOS
TRADICIONAIS
SERVIÇOS,
OS CORREIOS
TÊM TABELAS
ESPECIAIS PARA
GRANDES
CLIENTES COM
CONTRATO:

- FAC
- SEED
- MALA DIRETA
POSTAL
- IMPRESSO
ESPECIAL

xem os braços e olham em minha direção. O auxiliar se dirige para mim, fingindo displicência. Foi um erro ter vindo. Eu devia era estar aprendendo a usar meu novo computador ou treinando caligrafia.

Olho para a água uma última vez. É mais fácil não enfrentar a situação, mas não vou desistir. Não importa o que as pessoas pensem. Caindo na água, dou chutes e me mexo. Volto à tona e respiro fundo. Permanecer na tona é fácil. Agora vou tentar nadar de peito. Vejo que minha tendência é me deslocar em círculos.

Adapto a braçada e atravesso a piscina quatro vezes, descansando alguns minutos em cada extremo. Ao nadar de volta ao meio da piscina, não percebo que um nadador vigoroso, em estilo livre, braços se agitando e olhos fechados, vem vindo direto para cima de mim.

Sinto o choque. Por um segundo, a dor me atordoa e engulo água. Começo a gorgolejar e a afundar. Fico assustado.

Debatendo-me, aos poucos consigo me manter à tona. Vejo que o homem continua a nadar, indiferente. Olho para o coto. O impacto foi na extremidade do osso, por isso doeu tanto.

Após alguns minutos, continuo. Saindo da piscina, recoloco a prótese, ainda zozzo, e volto para o vestiário. Já não me importa o que pensem de mim. Consegui. Experimento uma profunda sensação de bem-estar.

Volto dois dias depois. Há mais gente do que eu imaginara. Pensei

Cavalo voa?



*voa...
e muito alto*

Seleções
Reader's Digest

60 anos
de
Brasil

PLAMARKETING

A Agência das Editoras

*Há 20 anos
voamos juntos*

que fosse mais fácil, mas é muito pior. E se nunca melhorar? Abaixo a cabeça – as lágrimas podem escorrer, e prefiro que ninguém as veja. Depois, penso: *Que se danem. Não é vergonha alguém tentar fazer o máximo que pode.*

Pulando até a beira da água, atiro-me na piscina e quase consigo um mergulho. Por um instante estou voando, e logo bato na água. Quando deslizo para diante e começo a nadar, aí, sim, abro os olhos.

Esforço

COMO É EVIDENTE que não posso voltar logo ao trabalho, resolvo fazer um mestrado em gerência de segurança na Universidade de Leicester. A vida na universidade é como um choque cultural. Há muito a aprender, e minha caligrafia ainda está irregular e lenta.

Meu apartamento de um quarto fica a dois minutos a pé do prédio onde temos aulas. Moro só e faço toda a limpeza e cozinho. Às vezes levo oito horas para executar as tarefas domésticas, cuidar de mim e de meus membros artificiais.

Sempre que tenho oportunidade, nos fins de semana, vou a Londres ver Alison, que conheci no casamento de um amigo. Ela trabalha como gerente de contratos e operações de uma firma no centro financeiro da cidade, e aos sábados é voluntária num clube para crianças excepcionais.

Tem lindos olhos azuis, um ma-

ravilhoso senso de humor e uma atitude direta com relação à vida. E, por falar em vida, as nossas se encaixam: ela compreende minha atitude e nunca me diz que não posso fazer o que quiser. Acho que pode ser bom envelhecer junto de Alison.

Há algo que estou decidido a fazer: correr a Maratona de Londres. John, o protético, já pesquisou qual o melhor membro artificial para a corrida. É feito de fibra de carbono e devolve a energia como se fosse uma mola.

PRENDO A PERNA, tranco o carro e passo pelo portão do parque recreativo. Sopra um vento frio de outono. Vou caminhar rápido e correr alternadamente, por 15 minutos, ao longo do comprimento do campo de futebol. Depois vou dar a volta ao campo, correndo.

Logo nos primeiros passos, o pequeno caroço de carne macia e osso abaixo do joelho parece estar sendo martelado por baixo, com força. Quando ele toca o chão, sei que devo levantá-lo, só não sei como.

A decepção me devora. Pensei que bastava ter a perna especial e ir em frente. Todos os nervos gritam que está doendo, e meus instintos me mandam parar, deitar na grama e chorar.

Após os 15 minutos, está na hora de correr em volta do campo. Escorrego na lama e caio. É a terceira vez que isso acontece. Levanto e continuo.

Faltam só cinco minutos. Minhas costas doem, os músculos da perna

direita estão se esgarçando e as dores fantasmas no coto são muitas.

Tenho de conseguir. Chego ao portão. Passam-se três minutos da meia hora de treino que eu estabelecera. Volto para o carro, esforçando-me para conter minha decepção. Como vou correr a maratona?

No fim do ano, meu raciocínio e a velocidade de minha caligrafia melhoraram o suficiente para eu ser aprovado nos exames.

Só consegui correr, e devagar, cinco vezes, antes que o coto encolhesse tanto que a perna não encaixasse mais.

Desde o fim de janeiro voltei a correr e comecei a trabalhar com a Oxfam, organização não-governamental de combate à pobreza, a fim de angariar fundos para um centro de reabilitação de feridos atingidos por minas no Camboja. Quando março chega ao fim, só consigo correr o máximo de 11 quilômetros.

Hora da maratona

ALISON SE DEBRUÇA sobre a barreira, beija-me e diz: “Boa sorte.” Entro na infundável muralha de corredores, que são quase 30 mil, todos com seu número da maratona. O sol já está queimando: vai ser uma das mais quentes edições da Maratona de Londres.

Bem à frente ressoa o tiro de partida. Começamos a caminhar e aos poucos aceleramos, passando a correr. Mesmo para os meus padrões,



Sorrisos orgulhosos – Na chegada da Maratona de Londres.

está devagar. A velocidade aumenta e procuro manter meu ritmo. Alguém me dá uma garrafa de água no primeiro posto e me forço a tomar uns goles, embora não esteja com sede. Já me acho coberto de suor e só percorri oito quilômetros. Tenho de continuar a beber.

As magníficas torres de pedra da Escola Naval surgem à minha direita. Alison está junto da calçada, com um grupo da Oxfam. Ganho novo alento e sigo em frente.

– Qual a distância?

– Onze quilômetros. Você está indo bem.

Toda a minha energia se concentra em colocar um pé na frente do